

## Como os “modificadores” modificam o sentido do discurso

Cristiane Dall' Cortivo<sup>1</sup>, Marcela Cristiane Nesello<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

<sup>2</sup>Faculdade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

crisdallcortivo@yahoo.com.br, marcelanesello@yahoo.com.br

**Resumo.** *Este trabalho tem como objetivo estudar o sentido construído no discurso pelo uso dos “modificadores”, denominação dada por Oswald Ducrot e Marion Carel, em sua Teoria dos Blocos Semânticos, a determinadas palavras que atuam sobre a força argumentativa de outras, com as quais se relacionam. A Teoria dos Blocos Semânticos inscreve-se no âmbito da Semântica Lingüística, trazendo a idéia de um estudo do sentido contido na língua em uso, sentido esse que é puramente argumentativo e que fundamenta a tese que constitui o centro da investigação: a de que a argumentação está na língua, ou seja, ser argumentativa faz parte da natureza da linguagem. Em sua investigação, Ducrot e Carel colocam a sua idéia de semântica como uma semântica sintagmática, aquela que calcula o sentido do enunciado levando em consideração a relação entre as palavras que o compõe, e não apenas isso, mas também o fato de ser produto de uma enunciação. Esse tipo de estudo semântico opõe-se a outros por considerar, primeiramente, as palavras que constituem o enunciado umas em relação às outras, não de forma matemática, como uma soma de seus significados, mas como uma combinação de palavras escolhidas por um locutor que, dessa forma, constrói um sentido particular tendo em vista a posição que deseja expressar diante de determinado fato. Ainda para os autores, o sentido de uma entidade lingüística está constituído pela sua capacidade de evocar discursos, ou, ainda, de modificar discursos com os quais se relaciona, sendo que os discursos considerados para estudo são os chamados encadeamentos argumentativos, constituídos por dois segmentos relacionados através de um conector. A fim de realizar um estudo mais detalhado das palavras da língua, Ducrot (2002) propõe a classificação dessas palavras em palavras lexicais, que são aquelas que possuem uma argumentação interna – AI, e uma argumentação externa – AE (AI e AE são encadeamentos evocados pela palavra em análise), e palavras instrumentais, que são aquelas às quais não é possível associar ou evocar um conjunto de discursos. Os “modificadores”, objeto de estudo deste trabalho, se enquadram nessa última categoria e possuem a função de atuar sobre a força argumentativa da palavra ou segmento de discurso com o qual se relaciona. Essa categoria não constitui um grupo homogêneo, visto que é no seu uso que a sua função é determinada: em determinado enunciado pode desempenhar a função de modificador, já em outro, pode não desempenhar. A partir dessa revisão teórica sobre nosso objeto de estudo colocamos o nosso objetivo: observar o funcionamento de determinadas palavras que em um discurso exerce a função de modificador e,*

*em outros pode não exercer. Nossa hipótese é a de que a presença de tal palavra atua não apenas sobre o enunciado em que se encontra, mas sobre o discurso todo.*

**Resumen:** *Este trabajo tiene como objetivo estudiar el sentido construido en el discurso por el uso de los “modificadores”, denominación dada por Oswald Ducrot y Marion Carel, en su Teoría de los Bloques Semánticos, a determinadas palabras que actúan sobre la fuerza argumentativa de otras, con las cuales se relacionan. La Teoría de los Bloques Semánticos inscribirse en el ámbito de la Semántica Lingüística, traendo la idea de un estudio del sentido contenido en la lengua en uso, sentido ese que es puramente argumentativo y que fundamenta la tesis que constituye el centro de la investigación: la de que la argumentación está en la lengua, o sea, ser argumentativa hace parte de la naturaleza del lenguaje. En su investigación, Ducrot y Carel ponen su idea de semántica como una semántica sintagmática, aquella que calcula el sentido del enunciado llevando en consideración la relación entre las palabras que le componen, y no solo eso, pero también el hecho de ser producto de una enunciación. Ese tipo de estudio semántico se opone a otros por considerar, primeramente, las palabras que constituyen el enunciado unas en relación a las otras, no de forma matemática, como una suma de sus significados, pero como una combinación de palabras elegidas por un locutor que, de esa forma, construye un sentido particular teniendo en vista la posición que desea expresar delante de determinado hecho. Para los autores, el sentido de una entidad lingüística está constituido por su capacidad de evocar discursos, o, todavía, de modificar discursos con los cuales se relaciona, siendo que los discursos considerados para estudio son los llamados encadenamientos argumentativos, constituidos por dos segmentos relacionados a través de un conector. A fin de realizar un estudio más detallado de las palabras de la lengua, Ducrot (2002) propone la clasificación de esas palabras en palabras lexicales, que son aquellas que poseen una argumentación interna – AI, y una argumentación externa – AE (AI y AE son encadenamientos evocados por la palabra en análisis), y palabras instrumentales, que son aquellas las cuales no es posible asociar o evocar un conjunto de discursos. Los “modificadores”, objeto de estudio de este trabajo, se encuadran en esa última categoría y poseen la función de actuar sobre la fuerza argumentativa de la palabra o segmento de discurso con el cual se relaciona. Esa categoría no constituye un grupo homogéneo, visto que es no su uso que su función y es determinada: un determinado enunciado puede tener la función de modificador, ya en otro, puede no tenerlo. Desde ese repaso teórico sobre nuestro objeto de estudio ponemos nuestro objetivo: observar el funcionamiento de determinadas palabras que en un discurso tiene la función de modificador y, en otros puede no tenerlo. Nuestra hipótesis es la de que la presencia de tal palabra actúa no solo sobre el enunciado en que se encuentra, pero sobre el discurso todo.*

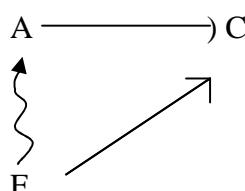
## **1. Teoria da Argumentação na Língua**

Esta seção abordará, inicialmente, os conceitos fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), sua relação com o Estruturalismo e a Enunciação, e as

três fases da Teoria: a Forma Standard, a Teoria dos *Topoi* e a terceira e atual fase, a Teoria dos Blocos Semânticos.

A escolha da ANL se deu pela necessidade de realizar um estudo da linguagem levando em consideração a materialidade lingüística, por considerar que o contexto exterior à produção da linguagem, como os sujeitos empíricos (produtor e receptor da mensagem) e os referentes no mundo possuem um papel secundário na compreensão do sentido. Sendo estruturalista, a ANL possibilita que o estudo da linguagem seja realizado de forma intralingüística, numa visão de que a língua deve ser explicada por ela mesma. Sendo uma teoria enunciativa, une língua e fala através da atividade de um locutor, que se insere em um espaço e no tempo, produzindo sentido para um interlocutor.

Iniciada em 1983 por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, a ANL baseia-se em um pressuposto fundamental: o de que a argumentação está inscrita na língua. Ducrot busca opor-se à concepção tradicional de argumentação, que deriva de um fato F um argumento A, sendo que desse argumento A é extraída uma conclusão C, conforme o esquema em Ducrot (1988:75):



Essa concepção de argumentação é exterior à linguagem, pois busca nos fatos do mundo a motivação para as conclusões, que, por sua vez, são suscetíveis de serem falsas ou verdadeiras. Para Ducrot, essa concepção invalida o papel da linguagem, que se torna apenas um instrumento do qual os sujeitos se servem para falar sobre o que é exterior a ela. O lingüista opôs-se à concepção tradicional de argumentação após observar que alguns enunciados derivados de um mesmo fato podem suscitar conclusões diferentes, como nos exemplos:

- (1) Pedro comeu pouco.
- (2) Pedro comeu um pouco.

Tanto o enunciado (1) quanto o enunciado (2) apresentam o mesmo fato, o de Pedro ter comido, o que invalida a possibilidade de um ser falso e outro verdadeiro. No entanto, as conclusões a que levam esses argumentos são diferentes: em (1), a conclusão pode ser *Pedro comeu pouco, então não vai melhorar*. Já em (2), a conclusão será oposta: *Pedro comeu um pouco, então irá melhorar*. Esses exemplos devem ser considerados em uma situação em que se admita que uma pessoa enferma que passa a se alimentar está demonstrando sinais de melhora. Dessa forma, Ducrot mostra que a argumentação está inscrita na língua, e não nos fatos do mundo. Assim, exclui os fatos da realidade de sua análise, atendo-se exclusivamente aos fatos da linguagem, considerando que o que constrói sentido é a relação entre os dois segmentos, o argumento A e a conclusão C. Esses conceitos (dentre outros que serão apresentados na seqüência) constituíram o que o autor chamou Forma *Standard*.

Após alguns anos, Ducrot realiza algumas reformulações metodológicas em sua teoria. Mantendo o mesmo pressuposto de base, de que a argumentação está inscrita na

língua, ele introduz o *topos*<sup>1</sup>, que seria um terceiro elemento presente no enunciado. Ao perceber que a afirmação de que A levava a C ia contra um dos princípios de sua teoria, que é a noção de relação, encontrada no Estruturalismo Saussuriano, Ducrot introduziu a noção de *topos*. Para ele, a noção de relação é fundamental, pois é na relação entre A e C, através de um conector, que o sentido do enunciado é construído. Ao considerar que de um argumento era tirada uma conclusão, estava afirmando que o argumento possuía um sentido completo, e que a conclusão era derivada desse sentido. O *topos* aparece, então, como um princípio argumentativo que garante a passagem do argumento para a conclusão, sendo um elemento comum a todos os membros de uma sociedade. Assim, no exemplo (2), *Pedro comeu um pouco, então vai melhorar*, o princípio argumentativo que está presente é o de que *para sair da enfermidade é necessário alimentar-se*.

Em 1992, Marion Carel, juntamente com Oswald Ducrot, introduz outros ajustes metodológicos, de forma a manter a teoria fiel ao seu pressuposto de base. Assim, trabalhando juntos, eliminam a noção de *topos* e introduzem outros conceitos que serão abordados ainda neste trabalho.

A ANL tem suas raízes no Estruturalismo Saussuriano e na Teoria da Enunciação de Benveniste. Essas relações com pressupostos teóricos que a fundamentam são chamadas pelo autor de *hipóteses externas*, enquanto os conceitos desenvolvidos em sua teoria são as *hipóteses internas* (DUCROT, 1980).

### 1.1 Hipóteses externas: o estruturalismo e a enunciação

A partir de uma frase de Pierre Duhem (apud DUCROT, 1980) que diz “os fatos de hoje são as teorias de ontem” Ducrot (1980, 1987) define suas hipóteses externas, ou seja, as teorias que fundamentam a ANL – o Estruturalismo e a Teoria da Enunciação.

A ANL encontra suas raízes no Estruturalismo Saussuriano, no qual busca os conceitos de língua e fala e a noção de relação.

Acredita-se ser necessário retomar esses conceitos introduzidos por Saussure para depois estabelecer sua relação da ANL.

Saussure, em seu *Curso de Lingüística Geral*, organizado por seus discípulos e publicado postumamente (em 1916), introduz o Estruturalismo nos estudos lingüísticos, tornando-se um marco na Lingüística do século XX. Nessa obra, o lingüista genebrino apresenta várias noções, como a de língua/fala, significante/significado, relações paradigmáticas/relações sintagmáticas, sincronia/diacronia, entre outras. Na distinção entre língua e fala, Saussure definiu a língua como algo social e compartilhado, como um sistema de signos que estão presentes no cérebro de todos os falantes de uma mesma comunidade; já a fala, para ele, é individual e varia de um indivíduo para outro. Pelo fato de ser um objeto heterogêneo, Saussure desconsidera a fala e define como seu objeto de estudo a língua, o que permite observar as relações internas ao sistema.

Os signos que integram o sistema lingüístico são entidades compostas de duas faces: o significante e o significado, sendo a união entre esses dois elementos arbitrária, não motivada. Ao dedicar-se ao estudo do sistema lingüístico, Saussure elimina qualquer possibilidade de ver na língua um reflexo da exterioridade, já que o signo lingüístico possui valor genérico e conceptual, ele é psíquico e não representativo das

---

<sup>1</sup> Palavra grega que significa lugar, apresenta como plural *topoi*.

coisas do mundo. Também relacionado ao signo lingüístico está a noção de valor, que é a oposição existente entre um signo e outro, seja nas relações paradigmáticas, seja nas relações sintagmáticas. Essa oposição é o que define o significado do signo, um signo é o que os outros não são.

Já as relações propostas pelo lingüista podem ser de dois tipos: as relações *in absentia* são as relações paradigmáticas, estão no sistema. Nesse tipo de relação, há o agrupamento dos signos por meio das características que lhes são inerentes. O signo *casa*, por exemplo, está em relação paradigmática com outros que lhe são semelhantes, como *casebre*, *castelo*, *choupana*, etc. Em contrapartida, as relações sintagmáticas estão no nível da combinação, é na relação entre os signos que se estabelece o sentido, são as relações *in praesentia*.

Ducrot toma os conceitos do Estruturalismo e os molda de acordo com os objetivos da sua teoria. Ao tomar os conceitos de língua e fala, não mais os separa como fizera Saussure, mas os une por meio da *instrução*. A instrução é a significação da *frase*, construto teórico que compõe o sistema lingüístico, segundo a ANL. Já a fala, para Ducrot, é o enunciado. A noção de relação é adotada, pois Ducrot acredita que as palavras ou frases sozinhas não possuem sentido, é apenas na relação entre as palavras ou entre as frases que é possível construir sentido.

A ligação da ANL com as teorias enunciativas se dá pelo fato de Ducrot também considerar o enunciado como o produto da atividade de um locutor, que por sua vez, produz linguagem para um interlocutor. No entanto, a *enunciação* para Benveniste e para Ducrot é vista de forma deferente: para Benveniste, a enunciação caracteriza-se por um processo de apropriação que o locutor faz de determinadas formas (os índices de *pessoa*, *tempo* e *espaço*) e se enuncia para um interlocutor. Para Ducrot, a enunciação é vista apenas como o surgimento do enunciado, uma vez que seu objeto de análise é distinto daquele de Benveniste.

## **1.2 Hipóteses internas: subjetividade/intersubjetividade, frase/enunciado, texto/discurso, sentido/significação, polifonia.**

As hipóteses internas dizem respeito aos conceitos desenvolvidos pelo lingüista, e formam sua teoria.

Ducrot busca, através da ANL, opor-se à concepção tradicional de sentido, que vê na linguagem três aspectos: o aspecto *objetivo*, o *subjetivo* e o *intersubjetivo*. Para o lingüista, não é possível encontrar na linguagem um aspecto *objetivo*, já que para ele a língua não é representativa do mundo, ela está a serviço do locutor para que ele possa expressar seu ponto de vista através dela. Dessa forma, o que é exterior à linguagem torna-se apenas tema de um debate entre locutor e interlocutor. O aspecto *subjetivo* é justamente o fato de um locutor fazer uso da língua e através dela colocar o seu ponto de vista a respeito daquilo de que ele fala, ou seja, argumentar para um interlocutor. A essa relação locutor-interlocutor, Ducrot chama *intersubjetividade*, uma espécie de chamado ao interlocutor, uma vez que, adotando a perspectiva enunciativa da linguagem, não há a possibilidade de haver eu sem tu.

Ducrot vê a língua como um sistema composto por *frases*. Essas frases são construtos teóricos, não é possível ver nem ouvir frases, elas são apenas construções do lingüista para explicar a infinidade de enunciados. Já o *enunciado* é a realização da frase, é o que existe de concreto, é somente através dos enunciados que se chega às

frases. O que diferencia o enunciado da frase é o fato de o enunciado estar ligado a uma situação específica, que é a enunciação. Segundo Ducrot, o sentido do enunciado é uma representação da sua enunciação: é um enunciado proferido por um locutor para um interlocutor, ambos situados em um determinado espaço e tempo.

Em um nível complexo, é possível identificar o *texto* como pertencente à língua, e o *discurso* como a realização do texto. O discurso não é uma soma de frases, mas uma trama de enunciados interligados, que juntos produzem um sentido. Assim Ducrot reserva à frase e ao texto a *significação*, que nada mais são do que *instruções*. Essas instruções impõem exigências, limites e restrições, que deverão ser observadas pelo lingüista ao identificar o sentido de um enunciado. Dessa forma, Ducrot rejeita o sentido literal, descrevendo os elementos lingüísticos através de regras, sendo elas o indicativo de qual sentido deve ser buscado no enunciado. Como já dito, o *sentido* pertence ao enunciado e é constituído através da relação entre as palavras e entre as frases que o constituem, estas ligadas por meio de um conector. Ainda constituindo o sentido do enunciado, estão as figuras da enunciação: o locutor e o interlocutor, que se inserem em determinado espaço e tempo. Sendo o sentido do enunciado uma representação da sua enunciação, não é possível descrevê-lo sem considerar esses elementos.

Esses conceitos apresentados foram introduzidos em obras que datam antes mesmo do lançamento de *Argumentação na Língua* (1983) e permanecem até a fase atual da teoria, a Teoria dos Blocos Semânticos. Além desses conceitos apresentados, que constituem as hipóteses internas, também há a Polifonia, que foi incorporada à teoria em 1988, no entanto, já esboçada em obras anteriores, como em *Les Mots du Discours* (1980) e *O Dizer e o Dito* (1984)<sup>2</sup>.

Apoiado em outros lingüistas, como Charles Bally e Mikhail Bakhtin, Ducrot criou o conceito de *polifonia*, definido como um conjunto de vozes apreendido em um enunciado, opondo-se, assim, principalmente a uma idéia que reinou durante muitos anos nos estudos lingüísticos, que é a da unicidade do sujeito falante.

Em sua proposta, Ducrot define alguns “personagens” presentes em um enunciado. O primeiro deles é o *locutor* (L), definido como o responsável pelo enunciado. O locutor é um ser da linguagem, ao qual subjaz um *sujeito empírico* ( $\lambda$ ), que é o sujeito no mundo, o ser material. Como Ducrot não se ocupa daquilo que é exterior à linguagem, descarta o estudo do sujeito empírico e com ele suas ideologias, seu papel social, seu nível socioeconômico, características que, para o lingüista, não são constitutivas do sentido. Além desses, existem ainda os *enunciadores* (E), que são os responsáveis pelos pontos de vista evocados em um enunciado. Esses enunciadores podem ser *assimilados* ao próprio locutor, ou a outra pessoa, como *Fui bem na prova* e *O professor disse que fui bem na prova*. No primeiro exemplo, o locutor é assimilado ao próprio produtor do enunciado, já no segundo, o locutor é assimilado ao professor. Em relação aos enunciadores, o locutor pode, ainda, tomar três atitudes. A atitude de *assumir*, que é o ato de o locutor assumir a responsabilidade sobre aquilo que diz, a de *concordar*, quando concorda com o ponto de vista de um enunciador, no entanto não o assume, e o de *rejeitar*, quando o locutor opõe-se ao ponto de vista de um enunciador.

Como exemplo, no enunciado *Se chover, não sairei*, tem-se:

---

<sup>2</sup> Data da obra original *Le dire et le Dit*. Neste trabalho foi usada a obra em português, cuja tradução data de 1987.

E1: Se chover, não sairei. (chuva DC neg-saída)

E2: Se não chover, sairei. (neg-chuva DC saída)

E3: Se chover, sairei. (chuva DC saída)

em que o locutor assume E1, concorda com E2 e rejeita E3, sendo assimilado ao próprio produtor do enunciado.

### 1.3 Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) é o terceiro e atual momento da Teoria da Argumentação na Língua. Marion Carel, juntamente com Oswald Ducrot, desenvolvem-na desde 1992, e propõem nela ajustes metodológicos que necessitaram ser feitos, mais uma vez, para manterem-se fiéis ao pressuposto de base da teoria, de que a argumentação está inscrita na língua. Esse ajustes metodológicos são constituídos pela introdução de alguns conceitos e, especialmente, pela eliminação do *topos*. Tal eliminação do terceiro elemento presente no enunciado ocorreu pelo fato de ele ser exterior à linguagem, por ser representativo de relações argumentativas que não estão presentes nela. Assim, ao introduzir o *topos* na teoria, renunciavam a outro princípio estruturalista: o de que a língua só pode ser estudada por ela mesma.

Eliminando o *topos* da argumentação, os enunciados passaram a ter seu sentido construído apenas através da relação entre seus segmentos, que não mais se chamaram argumento e conclusão, mas suporte e aporte ou segmento 1 e segmento 2, tendo como formalização a estrutura A CON B. Essa formalização chamada *encadeamento argumentativo* constitui uma metalinguagem criada a partir de um enunciado, é a *argumentação interna* ao enunciado. Os elementos que estabelecem a relação entre S1 e S2 chamam-se conectores e podem ser de dois tipos: normativo ou transgressivo. Os encadeamentos cujo conector é *donc* (do francês, significa *portanto*), abreviado apenas pelas consoantes DC, são do tipo normativo. Já os encadeamentos cujo conector é do tipo *pourtant* (do francês, no entanto), abreviado pelas consoantes PT, são do tipo transgressivo. Esses conectores são entidades metalingüísticas que representam outras formas de mesmo sentido.

Outros conceitos importantes introduzidos pela TBS são a *interdependência semântica* e o *bloco semântico*. A *interdependência semântica* nada mais é do que a relação entre os dois segmentos que constituem o enunciado. É somente através da relação de S1 com S2, mediada pelo conector, que é possível construir o sentido. Esse sentido é unicamente decorrente dessa relação, não há a possibilidade de desmembrar o enunciado e extrair de cada segmento um sentido. Essa relação entre os dois segmentos dá origem a um sentido, um *bloco semântico*.

### 1.4 Argumentação Interna e Argumentação Externa ao léxico e ao enunciado

Outro fator importante a ser considerado na TBS é a forma como um discurso pode ser associado a palavras. Para Ducrot e Carel, o sentido de uma entidade lingüística assenta-se sobre a sua capacidade de evocar discursos, ou de modificar aqueles aos quais tal entidade encontra-se associada. Os conjuntos de discursos considerados são apenas aqueles denominados encadeamentos argumentativos, como vimos, uma relação entre dois segmentos e um conector. Tais discursos podem estar associados a uma palavra de

forma externa, constituindo o que os autores chamam *argumentação externa ao léxico*, ou ainda de forma interna, constituindo a *argumentação interna ao léxico*.

A argumentação externa de uma entidade *e* é constituída pela pluralidade de aspectos (conjuntos de discursos) que podem ser associados a ela de forma externa, ou seja, nos quais ela tenha sua participação como um dos segmentos que compõem o encadeamento. São encadeamentos que partem de *e* ou que chegam a *e*. Tomemos o exemplo usado por Ducrot (2002), que dá como argumentações externas da palavra *prudente*

(03) prudente DC não teve acidente

(04) tem medo DC é prudente,

nos quais a palavra *prudente* participa como um dos segmentos do encadeamento, sendo em (03) suporte, e em (04), aporte. Nesse tipo de argumentação, portanto, a entidade forma parte dos encadeamentos externos que a descrevem.

A argumentação externa pode ser, ainda, de dois tipos: AE à direita, cuja constituição se dá pelas continuações possíveis para a entidade, no caso *e CON Y*, como é o caso de (03), ou, ainda, pode ser à esquerda, como é o caso do aspecto representado por (04), e formalmente por *X CON e*.

Os aspectos constitutivos da AE à direita são conversos, como em

(03) prudente DC não teve acidente

(05) prudente PT teve acidente,

em que ambos pertencem ao mesmo bloco semântico, já que a relação de interdependência entre suporte e aporte é a mesma, cujo sentido é *uma atitude prudente evita acidentes*. A diferença entre (03) e (05) reside apenas na forma de expressar esse sentido, guiada pelo jogo com os conectores e a negação. O enunciado que traduziria (03) poderia ser *Já que João foi prudente, não correu risco de sofrer acidente*. Já (05) poderia ter como enunciado *Mesmo sendo prudente, João sofreu um acidente*, apontado como a transgressão da norma desses exemplos, que é a de que quem toma cuidados não corre risco de acidentes.

Os aspectos que descrevem a argumentação externa de uma entidade à esquerda estão em relação de transposição, como é o caso de

(04) tem medo DC é prudente

(06) não tem medo PT é prudente,

os quais pertencem ao mesmo bloco semântico, no entanto, tal bloco é distinto do anterior. O sentido construído pela relação entre os segmentos constitutivos desses aspectos é *o medo que leva à prudência*, sendo que há a transgressão de (06) em relação à (04). Os enunciados que podem traduzir esses aspectos são *João tem medo, portanto é*

*prudente*, concernente à (04), e *João não tem medo, no entanto é prudente*, atribuído à (06).

Como podemos ver, a relação entre suporte e aporte, entre o elemento lingüístico e os discursos aos quais encontra-se encadeado, constrói um sentido que é fruto da forma como se lê um em outro, ou seja, o bloco semântico é construído pela forma como lemos um predicado no outro. Portanto, “dar o significado de uma expressão é associar-lhes diferentes argumentações que são evocadas por seu emprego” (DUCROT, 2002:07).

A *argumentação interna* de uma entidade *e* é constituída pela pluralidade de aspectos que parafraseiam tal entidade. Assim, a AI constitui uma espécie de paráfrase ou reformulação do termo ao qual ela é atribuída, sem que haja participação do elemento em análise nos segmentos do encadeamento. Como exemplo de AI da palavra *prudente*, Ducrot (2008) apresenta

(07) perigo DC precaução.

É importante ressaltar que a argumentação interna da palavra pode apresentar apenas relação de reciprocidade com outro aspecto, não comportando relação de conversão, como vimos que ocorre com as AE's. Isso porque cada palavra possui uma AI cuja relação entre suporte, aporte, conector e negação remete apenas a ela própria. Se tomarmos o aspecto converso em relação à (07), teremos como resultado a argumentação interna de outra palavra, *imprudente*

(08) perigo PT neg-precaução.

Com base nesses conceitos, Ducrot (2002) propõe uma classificação semântica do léxico. Segundo essa classificação, as palavras da língua podem exercer determinadas *funções* conforme o uso que o locutor faz delas. Tal classificação apresenta as seguintes divisões:

a) *Palavras plenas*: são aquelas palavras da língua às quais é possível atribuir uma argumentação interna e uma argumentação externa, ou seja, a principal característica é evocar discursos constitutivos de sua AI e de sua AE.

b) *Palavras instrumentais*: estão divididas em

b.1) *conectores*: são os elementos que encontram-se fazendo a relação dos segmentos nos encadeamento, são eles que constroem os discursos que Ducrot chama “doadores de sentido”. Essa classe é representada pelos protótipos normativo *donc*, e transgressivo *pourtant*.

b.2) *articuladores*: são os elementos que estabelecem a relação entre dois encadeamentos, como *mas*, *além de*, por exemplo. Tais elementos já são considerados como constitutivos do nível do discurso propriamente dito.

b.3) *Operadores*: são elementos Y aos quais aplicada uma palavra X constroem um sintagma XY, sendo que seu sentido é constituído apenas pelas palavras plenas da AI e AE de X. Esses elementos não acrescentam sentido novo ao termo que se

combinam, eles apenas rearranjam os constituintes semânticos presentes em X. Como operadores são encontrados no uso da língua os *modificadores*, que são palavras que não acrescentam um sentido novo ao termo ao qual se ligam, apenas atuam sobre a sua força argumentativa; quando dizemos *problema difícil*, por exemplo, *difícil* não altera o sentido de *problema*, que já carrega consigo um tom de dificuldade, mas aumenta esse sentido de dificuldade. Se, ao contrário, dissermos *problema fácil*, o *fácil* diminuirá a força da dificuldade contida em *problema*. Já os *internalizadores*, elementos Y caracterizados por se ligarem a palavras X e integrarem a sua AI aspectos da AE de Y. Tanto os modificadores quanto os internalizadores aparentam acrescentar uma espécie de gradualidade ao termo ao qual são aplicados. Os modificadores podem ser *realizantes* ou *desrealizantes*, já os internalizadores podem ser classificados em *transgressivos* e *normativos*.

Essa classificação do léxico proposta por Ducrot e Carel é muito importante, pois nos faz perceber a função que a palavra exerce nesse ou naquele uso. Sabemos que os modificadores, por exemplo, são elementos que em determinado contexto podem exercer função de palavra instrumental, no entanto, em outro ambiente, podem perfeitamente ser uma palavra plena, com AI e AE. Esse estudo nos faz compreender e explicar a própria essência da linguagem, que se encontra na capacidade de assumir a função que o locutor deseja lhe dar. É, com afirma o autor, a transformação da língua em discurso, algo que encontra-se geral e inerte no sistema, e pela atividade de fala de um indivíduo, torna-se vivo e surpreendente. É o que constitui a natureza da linguagem.

## 2. Metodologia e Análise de Dados

Para realizar as análises, serão utilizados os conceitos da ANL, especialmente da TBS, já apresentados nas seções anteriores. Esses conceitos são a polifonia, a argumentação interna e externa ao léxico, a argumentação interna ao enunciado, o quadrado argumentativo, entre outros.

A análise seguirá os seguintes procedimentos: identificação dos enunciados do texto, levantamento da sua argumentação interna, análise da polifonia (enunciadores e a relação do locutor com esses), bem como a análise do léxico por meio da sua argumentação interna e externa, quando necessário. Por fim, procederemos com a análise do fenômeno lingüístico em observação, a atuação dos modificadores sobre palavras ou segmentos de discurso.

**Texto 01**

**Ele é totalmente igual ao meu cartão particular. Como o local tem problema de iluminação usei por engano.** *Jorge Pinheiro, fiscal da superintendência Federal da Agricultura e Abastecimento da Bahia, que pagou com cartão corporativo despesas em uma boate de strip-tease. (Revista Veja, edição 2057, ano 41, nº. 16. 23 de abril de 2008, pg. 53)*

O primeiro enunciado do texto é **Ele é totalmente igual ao meu cartão particular**, o qual contém o ponto de vista *É totalmente igual ao meu cartão portanto pensei que estava pagando com meu dinheiro*, e pode ser traduzido pelo encadeamento

cartão corporativo igual a cartão particular DC pensava que pagava com dinheiro próprio.

O segundo enunciado é **Como o local tem problema de iluminação usei por engano**, que contém os pontos de vista *local pouco iluminado, portanto dificuldade para enxergar, e dificuldade de enxergar, portanto engano na escolha do cartão*. Tais pontos de vista podem ser sintetizados no encadeamento

local pouco iluminado DC engano na escolha do cartão.

Podemos afirmar que o locutor utiliza dois argumentos para justificar o seu engano no uso dos cartões: o primeiro deles é o de que o cartão corporativo, que não deveria ser usado para pagar tal despesa, é igual ao seu, o que motivou o engano. O outro argumento é o de que, no local em que ele se encontrava na hora de realizar o pagamento, havia problemas de iluminação, fator que também contribuiu para que houvesse esse equívoco. Assim, podemos construir um encadeamento que sintetize o sentido do texto, que contenha esses dois argumentos:

cartões iguais e local pouco iluminado DC engano no momento do pagamento

É possível perceber nesse enunciado a presença de outros pontos de vista, o de que *embora o local fosse pouco iluminado e os cartões fossem iguais, não deveria ter havido engano*, ponto de vista esse que pode ser assimilado à população em geral e que cobra responsabilidade no uso do dinheiro público, e *se o local não fosse pouco iluminado e se os cartões não fossem iguais, não teria havido engano*, que pode ser assimilado ao próprio locutor e usado como uma forma de justificar o seu erro. Portanto os enunciadores do texto são

E1 cartões iguais e local pouco iluminado DC engano na escolha do cartão

E2 neg cartões iguais e neg local pouco iluminado DC neg engano na escolha do cartão

E3 local pouco iluminado PT neg-engano na escolha do cartão,

sendo que o locutor assume E1, que é o ponto de vista expresso por ele, concorda com E2, e rejeita E3. Já o bloco semântico advindo da relação entre os segmentos é **pouca iluminação e semelhança dos cartões favoreceu o engano**

Passamos agora a análise do modificador *totalmente*, que se encontra sublinhado no texto. Esse modificador está relacionado à palavra *igual*, que por sua vez, está fazendo a comparação entre os dois cartões. Essa retomada das relações estabelecidas entre as palavras que compõem o texto é importante, pois, conforme afirma a ANL, o texto, ou o discurso, não é constituído por frases e palavras justapostas, mas relacionadas, construindo o seu sentido global e o sentido de cada expressão em cada discurso particular. Primeiramente, extrairemos a AI de *igual*, que é o X da expressão, após, a AI de *totalmente igual*, que é a expressão XY.

AI (igual) mesma aparência DC idêntico

AI (totalmente igual) mesma aparência DC idêntico

Conforme vimos, tanto a AI de *igual*, quanto a AI de *totalmente igual* apresentaram o mesmo encadeamento, contendo apenas as palavras plenas da AI de X, ou seja, de *igual*. Nesse caso, temos a presença de um modificador realizante, que está presente no discurso e tem a função de aumentar a força argumentativa da palavra com a qual se relaciona, *igual*. Podemos afirmar, também, que tal modificador atua sobre todo o discurso, pois, ao aumentar a força argumentativa de *igual*, argumento usado pelo locutor para justificar a troca dos cartões, ele reforça a tese de que o engano foi involuntário, causado pela semelhança entre eles.

### Texto 02

**Todo mundo está falando nele. E com a melhor qualidade de ligação. LG Shine. Porque você nasceu para brilhar.**



Figura 1.

Essa publicidade que analisaremos foi publicada na Revista Veja de 1º de agosto de 2007 e apresenta um novo aparelho de celular lançado no mercado, chamado LG Shine.

Iniciaremos a análise pela identificação dos enunciados, sendo que o primeiro é **todo mundo está falando nele**. O pronome *nele*, nesse enunciado, se refere justamente ao celular LG Shine, que está representado pela imagem da publicidade, sendo também um pronome catafórico, já que o seu referente encontra-se na seqüência do discurso.

Assim construímos o encadeamento que recupera esse referente

todo mundo está falando nele DC todo mundo está falando no LG Shine.

Já o encadeamento que pode representar esse primeiro enunciado do discurso é

todo mundo está falando nele DC é algo bom,

que constitui uma argumentação externa ao enunciado, já que se está relacionando a ele uma das possibilidades de continuação que pode ter, ou seja, os discursos que ele evoca e que podem ser associados a ele de forma externa. Esse segmento associado é evocado pelo primeiro segmento, que contém uma orientação positiva.

Também, como é próprio da linguagem publicitária, há uma ambigüidade nesse primeiro enunciado, que remete para dois sentidos possíveis: o primeiro deles, falar em alguma coisa significa falar sobre, ou seja, isso de que se fala – o aparelho celular – é o tema de debate entre locutores. Já o segundo sentido possível, que no caso é o corroborado pelo segundo enunciado, e que também está contido no sentido próprio de *aparelho celular*, é o de que todo mundo está falando nele, pois está usando tal aparelho para realizar chamadas, já que essa é sua função.

Assim, passamos para a análise do segundo enunciado do texto, que também contém o fenômeno lingüístico em análise, **E com a melhor qualidade de ligação**. Como afirmado acima, é esse enunciado que define o sentido do anterior, pois realizar ligações é próprio de aparelhos celulares, o que define o sentido de todo mundo estar falando nele. Assim, o encadeamento que constitui a argumentação externa desse enunciado é

falando com a melhor qualidade de ligação DC é bom

que funciona como um segundo argumento, inclusive mais forte que o primeiro, para a associação do segundo segmento. Portanto, *todo mundo está falando nele*, e *com a melhor qualidade de ligação* orienta para que seja evocado um discurso que afirma **isso é bom**. Tal afirmação, de que o segundo enunciado funciona no discurso como um argumento mais forte do que aquele contido no primeiro é embasada pela presença do articulador *e*, cujo sentido é semelhante ao de *além disso*.

O último enunciado do texto **LG Shine. Porque você nasceu para brilhar** apresenta o chamado explícito que a publicidade faz ao interlocutor, dirigindo-se diretamente a ele, construindo esse interlocutor como alguém que aprecia novidades ligadas ao mundo da telecomunicação. Esse apelo funciona como um argumento, cujo segmento evocado é *portanto compre esse aparelho*, cujo encadeamento que fixa a argumentação externa é

você nasceu para brilhar DC compre

pois segundo a propaganda, para brilhar você precisa ter um celular como esse, bem como evocando o discurso contido na palavra que nomeia o celular, *shine*, que significa brilho.

Assim, podemos construir um encadeamento que sintetize o sentido do texto a partir do movimento argumentativo desenvolvido

todo mundo está falando nele DC é algo bom

falando com a melhor qualidade de ligação DC é bom

é bom DC compre.

A análise do modificador *melhor* contribui, ainda, para a conclusão que a publicidade objetiva, qual seja, a compra do aparelho LG Shine. Assim, analisamos primeiramente as palavras *qualidade de ligação*, elementos que compõem o X da expressão, e, após, a expressão *melhor qualidade de ligação*, a fim de determinarmos de que forma esse modificador atua sobre o discurso do qual faz parte.

AI (qualidade de ligação) atributo positivo DC é bom

AI (melhor qualidade de ligação) atributo positivo DC é bom.

Verificando o funcionamento de tais palavras no discurso, afirmamos que o uso da palavra *melhor* age sobre a força argumentativa de *qualidade de ligação*, o que reafirma também o propósito, que é a venda desse aparelho celular pela operadora Vivo. Esses modificadores atuam sobre o discurso reforçando a idéia de que o interlocutor deve adquirir o produto em questão, pois *melhor qualidade de ligação*, segmento constituído pelo fenômeno em análise reforça essa tese, de que há muitas vantagens em adquirir o aparelho LG Shine.

### Texto 03



Só uma superoperadora  
para dar esse superpresente  
para o seu pai.

**Samsung C510**  
• Câmera Integrada  
• Vitrôvel  
• Diário Colorido  
• Sincro Posiciona

RS 49,00  
no TIM Brasil 120

**Samsung E570**  
• Câmera de 1.3 Megapixels  
• MP3 Player com Fone de Ouvido Estéreo  
• Bluetooth  
• EDGE

RS 199,00  
no TIM Brasil 120

**SAMSUNG**  
**TIM**  
Viver sem fronteiras

Figura 2

**Texto 03****Só uma superoperadora para dar esse superpresente para o seu pai.**

Essa publicidade, também de operadora e aparelho de telefone celular, foi publicada na Revista Veja de 1º de agosto de 2007. Podemos perceber que o discurso está constituído por apenas um enunciado, e que sua compreensão necessita que recorramos à imagem veiculada para compreender o seu sentido. Isso ocorre porque há o pronome demonstrativo *esse* que não remete a nenhum referente lingüístico, mas a um referente extralingüístico, que, no caso, é a imagem de aparelhos celulares com preços atrativos, segundo o locutor, a ponto de ser chamado de *superpresente*.

Iniciamos, então, pela análise do enunciado **só uma superoperadora para dar esse superpresente para o seu pai**. É importante ressaltar que tal publicidade foi veiculada no mês dos pais, o que nos permite que o interlocutor construído no texto é o interlocutor cujo papel é de filho que adquiriria tal celular para presentear seu pai. O encadeamento que representa a argumentação interna a esse enunciado é

é uma superoperadora DC pode dar superpresentes.

É interessante ressaltar que o locutor utiliza em seu discurso o verbo *dar* que está diretamente ligado a *superpresente*, afinal de contas, um presente não se vende, se dá. No entanto, a *superoperadora*, ou o locutor que criou tal publicidade, não deseja dar esse presente, mas sim, vender para o seu interlocutor. Essa interpretação logo é descartada, no momento em que observamos a imagem dos celulares, ambos com o seu devido valor de compra ao lado. Assim, compreendemos, pelo discurso associado à imagem, que o superpresente à que se refere o locutor não é o aparelho celular, e sim, aos seus preços e às vantagens que o interlocutor terá ao comprar tal celular.

Nesse enunciado, ainda, há uma polifonia evocada especialmente pela palavra *só*. Ao usá-la, o locutor coloca em cena um outro enunciador, cujo ponto de vista **quem não é superoperadora não pode dar esse superpresente**. Assim, temos a presença de dois enunciadores, representados pelos encadeamentos

E1 é uma superoperadora DC pode dar superpresentes

E2 não é uma superoperadora DC não pode dar superpresentes

em que o locutor assume e se assimila ao enunciador E1 e concorda com o enunciador E2, que contém o aspecto recíproco daquele por ele assumido.

Agora passamos à análise dos modificadores que se encontram sublinhados no texto, bem como da expressão XY construída por eles. Nesse caso, o modificador que está ligado a ambas as palavras plenas é um prefixo, *super*, que, por sua vez, tem uma orientação positiva, conforme veremos no exame que segue:

AI (operadora) empresa de telefonia DC administra telecomunicações

AI (superoperadora) empresa de telefonia DC administra telecomunicações.

AI (presente) felicitar alguém DC comprar algo

AI (superpresente) felicitar alguém DC comprar algo.

Em ambos os casos, vemos que a AI de XY contem apenas as palavras plenas da AI de X, o que os constitui como modificadores das palavras às quais estão ligados. Conforme afirmado, a orientação positiva contida em *super* o torna um modificador *realizante*, ou seja, está intensificando a força argumentativa de *operadora* e *presente*. Nesse caso, como no anterior, o modificador atua sobre o discurso reforçando os benefícios que o interlocutor-consumidor terá ao adquirir tal aparelho celular, transformando os argumentos apresentados em ‘superargumentos’ que levam o interlocutor a comprar o produto.

### 3. Considerações Finais

A partir das análises feitas pudemos constatar que o uso dos modificadores, todos eles realizantes, orientaram para um reforço dos argumentos usados pelo locutor. Tanto na análise do texto 01, no qual o modificador realizante foi usado para atenuar ou redimir o locutor da culpa atribuída a ele, ao usar o cartão corporativo para pagamento de despesas pessoais, no texto 02 e 03, que por serem publicidades, o modificador atuou no sentido de reforçar os argumentos de forma a convencer o locutor sobre as vantagens trazidas pela aquisição dos produtos, supervalorizando-as pelo uso do modificador realizante, atuando, também, sobre o discurso de forma geral.

Afirmamos, ainda, que o uso dos conceitos da ANL para as análises nos permitiu resgatarmos o sentido presente em cada palavra, em cada enunciado, e no texto de forma geral, explicando como o emprego de determinadas palavras pode trazer conseqüências ao discurso como um todo. Essa teoria nos permite fazer a análise lingüística, pois é o seu objeto de estudo, mas também abre espaço para que, quando preciso, fôssemos buscar a referencia extralingüística, no caso das publicidades.

### 4. Referências Bibliográficas

DUCROT, Oswald. Análise de textos e lingüística da enunciação. In: DUCROT, Oswald et al. **Les Mots du Discours**. Paris: Minuit, 1980.

DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald **Polifonía y argumentación**. Cali (Colômbia): Universidad del Valle, 1988.

DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. **La Semántica Argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005.

DUCROT, Oswald; CAREL, Marion. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. In: PERRIN, Laurent. **Recherches Linguistiques**, nº 28 (*Lê sens et sés voix*). Metz: Presses Universitaires de Metz, 2006, p. 215-243.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 24ª edição. São Paulo: Cultrix, 2000.